

ENTRE/CULTURA E AFETO

/www.correio24horas.com.br

Como quase sempre, me vesti toda de preto e estava de saída para a pauta dessa quinta-feira (17) quando lembrei que um dos personagens principais do ambiente que me esperava se veste há décadas, todo de branco. Ir encontrar Márcio Meirelles com aquele figurino seria como ir a um show de Roberto Carlos vestida de marrom. Achei gafe. Então, troquei a camiseta por uma cinza e parti para o Teatro Vila Velha.

O primeiro abraço foi o de Cristina Castro. Bailarina, coreógrafa e companheira de Márcio – o diretor do teatro – também na gestão do espaço, foi ela quem trouxe, no fim dos anos 1990, a dança para o Vila ao criar o Viladança, companhia residente da casa. Lembramos da paixão daqueles bailarinos, das tardes de ensaio sem qualquer patrocínio garantido, do dia em que eles desceram o Elevador Lacerda de rapel. “Maitê teve três filhos”, ela me contou. “Beto torceu o pé e eu levei pro HGE”, desenterrei do fundo da memória de um tempo feliz em que também tive a sorte de trabalhar no Vila Velha.

Já me sentia de volta pra casa quando Márcio chegou. De branco, conforme esperado. Tânia Scofield (sim, o mesmo sobrenome do muso de Prison Break) é a arquiteta e presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) que completou o trio de anfitriões que me levariam a conhecer, em primeira mão, um novíssimo teatro. Totalmente reformado, universalmente acessível e de alma inteiramente preservada. Nossa expedição durou mais de duas horas.

Erguido nos fundos do Passeio Público no suor e na audácia de estudantes de teatro da UFBA que carregaram tijolo por tijolo, o Vila é, há 62 anos, um organismo vivo, uma usina estética e uma instituição de teimosia cultural. Na próxima sexta-feira (25), as portas do novíssimo Vila voltam a se abrir depois da mais ampla e rigorosa restauração da história do equipamento, fruto de uma parceria com a Prefeitura de Salvador. Quem passa pelo Campo Grande ou pela Gamboa de Baixo já sente o clima de estreia: a catedral onde nasceram a Tropicália, o Bando de Teatro Olodum e a carreira de imensos nomes da nossa cultura está pronta para o seu mais aguardado reencontro com a cidade.

O PALIMPSESTO

“Tudo que está pintado de vermelho foi construído, o que é branco já existia”, me explica Márcio Meirelles na largada da expedição. “Com algumas exceções”, completa rindo. A metáfora visual sintetiza a essência poética e estrutural do novo projeto: “Esse prédio



FOTOS: ARLON SOUZA/DIVULGAÇÃO

Vila Velha reabre com o coração preservado e um novo projeto para as próximas gerações

Em uma expedição de duas horas e meia por entre estruturas recém-pintadas de vermelho e paredes históricas preservadas em branco, percorremos as entranhas de um teatro em palimpsesto: um monumento vivo onde a tradição da cena baiana ganha acessibilidade universal, alta tecnologia e o direito sagrado de errar

agora é um prédio em palimpsesto, porque os outros dois prédios continuam aqui dentro. As coisas necessárias à contemporaneidade foram acopladas ao prédio antigo. Tudo que é vermelho é novo, é o que não tinha. Mas o terceiro prédio, que é o primeiro, ele é o palco, é o coração. O coração do teatro sempre foi o mesmo”, reflete o diretor.

A intervenção física e tecnológica envolveu um investimento global de R\$ 30 milhões aprovado pelo prefeito

Bruno Reis e promovido pela Prefeitura de Salvador, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM). A obra foi executada pela Superintendência de Obras Públicas (Sucop) com coordenação da FMLF, assinada pelos arquitetos Nivaldo Andrade e Mário Vitor Bastos (A+P Arquitetos Associados), contando com a consultoria do arquiteto Carl von Hagenschild, responsável por uma restauração anterior, em 1994.

A intervenção encarou gargalos históricos de inclusão. A rampa principal de acesso ao teatro, cuja inclinação ultrapassava 13%, foi readequada para os padrões modernos de acessibilidade universal, reduzindo para no máximo 8%. A arquiteta Tânia Scofield reforça a dimensão cívica dessa transformação: “Eu acho que essa é uma das grandes demandas contemporâneas, que é a questão da acessibilidade, você garantir a acessibilidade universal. Todos têm que poder ir ao teatro com facilidade”.

Tânia lembra ainda que a intervenção transbordou os limites do prédio: “A acessibilidade ao teatro tem que ter acessibilidade fora do teatro. Então, tivemos que trabalhar o Passeio Público para poder garantir a acessibilidade também ao



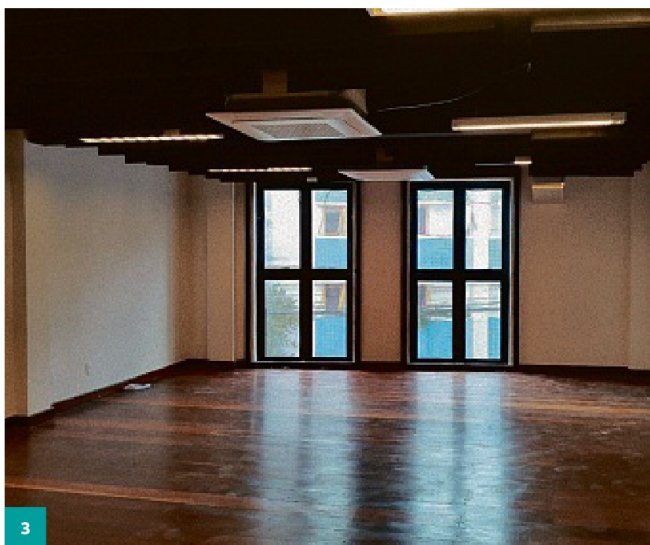
Flavia Azevedo

texto

@flaviaazevedoalmeida



2



3

teatro". Márcio Meirelles subscreeve: "O teatro não consegue se manter se não tiver um entorno próprio para isso".

A vice-prefeita de Salvador, Ana Paula Matos, pontua a emoção da entrega pública, proposta pelo ex-secretário de cultura Pedro Tourinho: "É com muita alegria que a gente reinaugura o Teatro Vila Velha, um patrimônio da cultura baiana, espaço de resistência, liberdade e formação de grandes artistas. Tenho um carinho muito especial por esse projeto porque, quando estive à frente da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, acompanhei o início das obras e o cuidado para que cada intervenção preservasse a história e a essência do teatro. Ver o Vila renascer, mais moderno, acessível e preparado para receber novas gerações, é uma grande emoção".

Por dentro, o Vila deu um salto tecnológico. O palco original permanece exatamente no mesmo local desde a inauguração em 1964, mas agora conta com blocos e módulos adaptáveis para alterar as configurações entre palco e plateia, além de praticáveis importados da Alemanha e acessibilidade plena também para os artistas em cena. A plateia principal comporta até 400 pessoas com novo sistema de climatização, isolamento acústico e estrutura de



4

combate a incêndios de última geração.

O complexo conta ainda com salas multiuso para ensaios, oficinas e apresentações experimentais, a reativação do Cabaré dos Novos (que agora pode funcionar simultaneamente ao palco principal graças ao isolamento acústico) e a retomada do Cine Vila, equipado com tela retrátil e projetor de 18 mil lumens focado na difusão do audiovisual baiano. Em paralelo, o acervo do Centro de Pesquisa e Memória Nós, Por Exemplo abriga cerca de 1 milhão de documentos sobre o teatro brasileiro, em processo de digitalização com o apoio do projeto TEMPO, da Fundação Banco do Brasil.

1 A fachada do Vila Velha, consagrada como a "pia batismal dos artistas baianos", pronta para receber o público

2 O novo elevador faz parte do esforço para garantir acesso democrático e autônomo ao público e aos artistas

3 Uma das salas multiuso prontas para receber ensaios, oficinas e espetáculos experimentais

4 Márcio Meirelles, Cristina Castro e Tânia Scofield: o trio de anfitriões que guiou a expedição pelo novíssimo Vila Velha

O MILAGRE DO PASSEIO PÚBLICO

Para compreender a mística do Vila, é preciso voltar a 1961. Naquela época, Salvador não dispunha de salas teatrais públicas em funcionamento, e a Sociedade de Teatro dos Novos – grupo dissidente da Escola de Teatro da UFBA formado por nomes como João Augusto, Sônia Robatto, Othon Bastos, Echio Reis, Carlos Petrovich, Thereza Sá e Carmem Bittencourt – resolveu edificar o próprio palco. O terreno cedido ficava nos fundos do Palácio da Adamação, onde antes funcionara um pequeno zoológico.

A construção do teatro protagonizou um dos episódios mais puros da solidariedade artística baiana: a união entre o governador Juracy Magalhães e o prefeito e engenheiro Virgildásio Senna. Juracy cedeu o terreno e a estrutura metálica doada pela Casmel. Virgildásio doou pedras extraídas das escavações do Túnel Américo Simas, cimento, tijolos e verba municipal. O arquiteto Sílvio Robatto recorreu à inteligência espacial para baratear custos, pavimentando o piso da plateia com asfalto e o do foyer com paralelepípedos.

Enquanto alguns artistas leiloavam quadros doados por Carybé, Carlos Bastos, Mirabeau Sampaio e Calasans Neto, e buscavam cadeiras de um cinema desativado em Santo Amaro para mobiliar o teatro, outros realizavam a obra no suor. A atriz e escritora Sônia Robatto, cofundadora que também botou a mão na massa, acompanha o renascimento do Vila com a emoção de quem viu o sonho nascer do chão: "Eu acompanho a vida dele desde muito tempo atrás, lembro dos tijolos, do material para o chão, de tudo que a cidade nos deu para criar o Vila Velha. Eu agora realmente estou muito feliz de vê-lo renascer com todo um público novo para sonhar o sonho do eterno teatro".

DA PIA BATISMAL DA MPB

Quando subiram juntos naquele palco pela primeira vez, em 22 de agosto de 1964, para apresentarem o show Nós, Por Exemplo..., o fiscal da Alfândega Gilberto Gil, o estudante de Filosofia Caetano Veloso, a secundarista Maria Bethânia e a balconista Gal Costa estavam carimbando para sempre o destino de suas carreiras e a vocação do teatro que Gilberto Gil chamou de "pia batismal dos artistas baianos". O bolsista da Escola de Música Tom Zé se juntaria ao grupo em seguida.

Testemunha e protagonista daquele tempo, Tom Zé reaviva a chama lírica do espaço: "Não posso ouvir falar do Vila Velha sem me lembrar de acontecimentos que hoje até podem ser chamados, lato sensu, de historicidades. Coisas que fizemos naquela oca-

sião e que foram o elo capaz de juntar todos nós. O Vila foi reformado, e estará sempre reformando, reformando o que se fizer em teatro, em música. E reconstituindo nossos corações". A efervescência da casa também abrigou o nascimento dos Novos Baianos, que realizaram seu primeiro show oficial no espaço em setembro de 1969.

Para além da glória do passado, o novo Vila reabre propondo uma transformação na lógica de programação: temporadas mais longas, permitindo que os espetáculos amadureçam e ganhem musculatura. Cristina Castro defende essa desaceleração como fator pedagógico e humano: "O Vila pretende trabalhar com mais tempo de pauta, porque sempre tem muito pouco tempo. A gente pensa em sustentabilidade e continuidade com um fator essencial, que é tempo. O artista precisa de tempo também, até para errar, para fazer de novo".

A gestora destaca ainda o foco nas novas gerações através do programa Pé de Feijão Arte e Educação: "Crianças terão prioridade aqui, elas são fundamentais, porque elas serão o público de amanhã, serão os patrocinadores de amanhã, serão os jornalistas de amanhã. Eu acho que é o momento da coragem".

MEMÓRIA E AFETO

Essa formação estética e ética praticada dentro do Vila Velha marcou gerações inteiras. O diretor de teatro Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Mattos (FGM), reaviva sua própria iniciação nas arquibancadas da casa: "É muito importante para mim essa inauguração, essa reforma, tanto como artista, como gestor. Como artista, praticamente os primeiros espetáculos de teatro que eu vi foram no Vila Velha, na época do saudoso e brilhante João Augusto. A partir desses espetáculos eu tive vontade de fazer teatro, me animei, isso durante a década de 1970. Ou seja, é um teatro que existe e influencia pessoas há muito tempo. E como gestor é muito bom poder estar colado nesse momento de recuperação de um espaço que é muito importante para a cidade e está na memória emocional de todos os artistas, de todos os produtores, agentes culturais. É uma felicidade dupla poder estar nesse momento, uma grande comemoração e vida longa ao Vila Velha".

Nesta sexta-feira (25), a poeira das obras finalmente baixa e os refletores voltam a acender. Nesse dia, no mês dos ibejis, o Teatro Vila Velha reabre suas portas devolvendo a Salvador não apenas um edifício modernizado, mas o seu coração cultural, afetivo e revolucionário, finalmente, batendo outra vez.

A FESTA DO REENCONTRO

FLAVIA AZEVEDO

O Teatro Vila Velha abre suas portas nesta sexta-feira (25), a partir das 17h, com um espetáculo concebido para uma plateia de 400 pessoas. Dirigido por Márcio Meirelles, o show traz uma linha do tempo musical que resgata e homenageia os mais de 60 anos de trajetória cênica e sonora do espaço. Em seguida, haverá um caruru no Cabaré dos Novos. Evento para convidados.

Serviço: Teatro Vila Velha (Passeio Público, Av. Sete de Setembro, Campo Grande)